

Vendas fracas nas lojas de Taquara I

Há dois meses, o único supermercado do bairro fechou. Comerciantes se queixam de que moradores só compram "fiado"

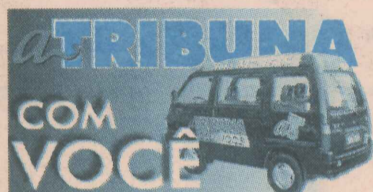
Os comerciantes de Taquara I, na Serra, disseram ontem que é fraco o movimento de consumidores.

As poucas lojas que funcionam ficam concentradas nas proximidades da pracinha do bairro e não fazem parte da preferência dos moradores locais.

O único supermercado de Taquara I fechou as portas há dois meses, já que os moradores preferem fazer suas compras de mês fora do bairro.

"Depois que o supermercado fechou, o pessoal acaba saindo daqui para fazer as compras em outros bairros e não procura mais o comércio local. Isso não espantou os meus clientes, afinal, meu público é diferente, mas sei que prejudicou muito os comerciantes daqui, que trabalham com produtos da área de alimentação", comentou Sandra Rodrigues, 28, que há três anos é proprietária da única farmácia de Taquara I.

Um dos primeiros moradores de Taquara I, o comerciante Túlio Ambrósio de Oliveira, 61, é proprietário de um quilão e vende frutas, verduras e legumes no bairro.



Ele conta que vivenciou várias fases de desenvolvimento da região e que já dirigiu outros tipos de comércio.

"Quando cheguei, por volta de 1970, apenas umas cinco famílias moravam aqui. No começo, eu ia buscar verdura, galinha e tomate lá na feira de Gurigica para vender aqui, porque a distância era muito grande para as pessoas conseguirem comprar as coisas. Depois, abri um bar, aqui mesmo no meu terreno, e hoje tenho um quilão, que já funciona há cinco anos", contou Túlio.

SAÍDA

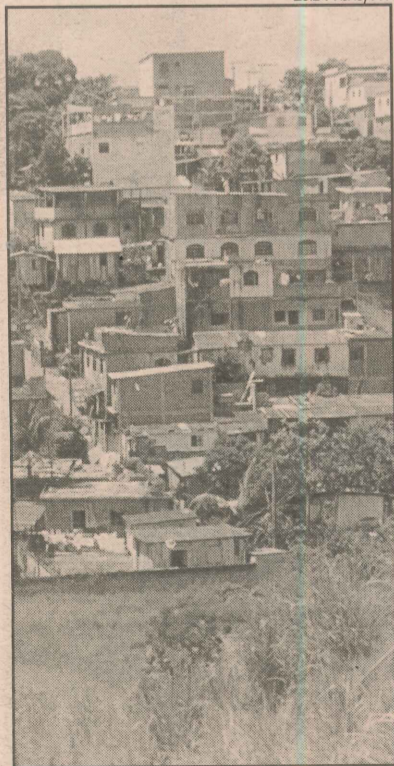
Mesmo sendo muito conhecido no bairro, Túlio disse que os lucros com o pequeno negócio não são a principal fonte de renda da família e afirmou que, para sustentar a mulher e as duas filhas, precisa manter, paralelamente, uma outra atividade profissional.

"Sempre troquei de ramo de comércio, quando via que o negócio estava operando no vermelho. Hoje, o movimento aqui é fraco. Dentro do bairro, praticamente a gente só vende fiado, na caderneta. O pessoal só compra com dinheiro quando é fora de Taquara. Por causa disso, eu trabalho também com refrigeração para manter minha família sem depender do quilão", comentou o comerciante.

O COMÉRCIO

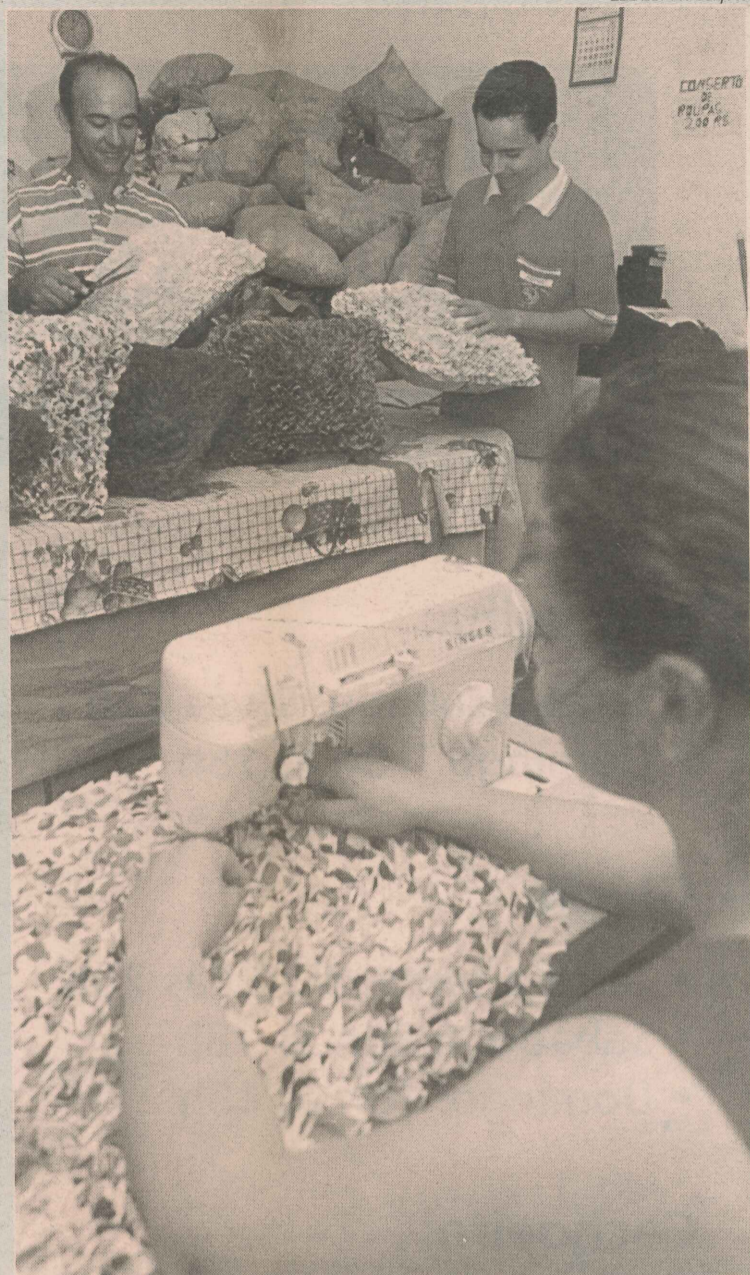
| | |
|------------------|----|
| Farmácia | 01 |
| Bares | 04 |
| Mercearias | 04 |
| Sorveteria | 01 |
| Barbearia | 01 |
| Padaria | 01 |
| Quilão | 02 |
| Armarinhos | 03 |

Fonte: Moradores do bairro



Vista geral do bairro

ELIZABETH NADER/AT



Lisiana, Adevaldo e os filhos fazem colchas e almofadas

Criatividade com retalhos

A arte de fabricar tapetes com retalhos, repassada desde os tempos dos avós, tornou-se um negócio familiar para alguns moradores de Taquara I.

Para a costureira Lisiana Maria Bohn, 32, a tradição de unir pedaços de panos coloridos e transformá-los em peças decorativas tornou-se uma fonte de renda. Ela, o marido e os três filhos se empenham na pequena fábrica, que mantém na garagem de casa.

Almofadas, tapetes de várias cores e jogos para banheiro são produzidos na fábrica, onde Lisiana conta com a ajuda do marido Adevaldo Medeiros Rocha Ribeiro, 35, e de três filhos adolescentes do casal.

Pais e filhos cortam e costuram os retalhos, que são separados pelo tamanho e pela cor. A família chega a produzir 200 peças de cada modelo um por mês.

"A gente compra os retalhos da fábrica de tecido e depois é preciso cortar todos os pedaços de pano do mesmo tamanho e separar pela cor. No caso das almofadas cortamos a espuma e as capas e depois costuramos os retalhos", explicou Lisiana.

A família veio da cidade de Teixeira de Freitas, Bahia, e há quatro anos montou a fabriqueta em Taquara

I. Toda a produção da semana é distribuída no sábado, por Adevaldo. É ele quem faz as entregas das mercadorias.

TRADIÇÃO

"Os avós dela já produziam tapetes, na Bahia. Foi assim que nós aprendemos a fazer as peças e trouxemos o ofício de lá. Já trabalhei como agente de vendas em empresas, mas agora me dedico totalmente ao nosso negócio", disse o comerciante.

Com apenas 14 anos, Juliano Bohn Riberio, um dos filhos do casal, trabalha com os pais na fabricação das peças. Juntando retalhos e costurando tapetes, ele divide seu tempo entre o trabalho e os estudos. "No período da manhã, ajudo na fabricação; e à tarde vou para a escola estudar", comentou Juliano.

Toda a produção da família é repassada para revendedores que comercializam os tapetes e as almofadas de retalho nas feiras livres da Grande Vitória.

"Os preços são variados. Um tapete sai por R\$ 6,00 e o jogo de banheiro, R\$ 15,00. As almofadas, dependendo do tamanho, variam entre R\$ 6,00 e R\$ 15,00. Também fazemos peças por encomenda, pelo telefone 241-0418", afirmou Lisiana.